

a vingança serve-se fria
parte um
joe abercrombie

Tradução de Susana Sousa e Silva



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

Para Grace
Um dia irás ler isto
E ficar ligeiramente preocupada

BENNA MURCATTO SALVA UMA VIDA

O dia amanheceu vermelho-sangue. O Sol irrompia a oriente, tingindo de vermelho o céu escuro e bordando, furtivamente, os fiapos de nuvens com fios de ouro. Por baixo dele, a estrada serpenteava montanha acima até à fortaleza de Fontezarmo, um aglomerado de torreões pontiagudos cinza-escuro que se recortava contra o céu aceso. Era uma alvorada rubra, negra e dourada.

As cores do seu ofício.

— Estás particularmente bonita, esta manhã, Monza.

Ela suspirou como se fosse uma mera casualidade. Como se não tivesse passado uma hora diante do espelho a adornar-se.

— Factos são factos. Ao referi-los, não me fazes nenhum favor, só mostras que não és cego.

Bocejou e espreguiçou-se em cima da sela, fazendo-o esperar um pouco antes de prosseguir.

— Mas quero ouvir mais.

Ele pigarreou ruidosamente e ergueu uma mão, como um ator de segunda antes de proferir o seu importante solilóquio.

— Os teus cabelos são como... um véu de areias cintilantes!

— Não passas de um galarote presunçoso. Ontem, era o quê? Uma cortina de meia-noite. Gostei mais dessa, tinha uma certa poesia. Má, mas ainda assim...

— Merda. — Olhou para as nuvens e piscou os olhos. — Então, direi que os teus olhos reluzem como penetrantes safiras sem preço!

— Quer dizer que agora tenho pedras na cara, é?

— Lábios como pétalas de rosa?

Ela cuspiu-lhe, mas ele estava atento e esquivou-se. O bocado de saliva saltou por cima do cavalo e, sem lhe tocar, caiu no amontoado de pedras ressequidas junto à berma.

— Isso é para ajudar as tuas rosas a crescer, estúpido. Consegues fazer melhor.

— Está a ficar cada vez mais difícil — murmurou ele. — A joia que te comprei fica-te lindamente.

Ela ergueu a mão direita e admirou-a. O rubi, grande como uma amêndoa, captou os primeiros reflexos da luz do Sol e cintilou como uma ferida aberta.

— Já recebi ofertas piores.

— Condiz com o teu temperamento fogo.

Ela riu-se.

— E com a minha reputação de sanguinária.

— Não percas tempo a pensar na tua reputação! Conversa fiada de idiotas, nada mais! Tu és um sonho. Uma visão. És como... — Fez estalar os dedos. — A encarnação da Deusa da Guerra!

— Com que então, sou uma deusa?

— Da Guerra. Gostas?

— Escapa. Se fores tão bom a lambar o cu do duque Orso, podemos até conseguir um bónus.

Benna contraiu os lábios e fitou-a.

— Se há coisa que me agrada fazer logo pela manhã é enfiar a cara nas valiosas e rechonchudas nádegas de Sua Excelência. Sabem a... poder.

Os cascos dos cavalos calcavam o trilho poeirento, as selas rangiam e os arneses tilintavam. O caminho prosseguia numa série de curvas e contracurvas. O resto do mundo ia ficando cada vez mais para trás. A leste, o céu esvaía-se, passando de vermelho para um rosa encarniçado. O rio surgia aos poucos, serpenteando por entre os bosques outonais que forravam o fundo do vale escarpado. Cintilante, como um exército em marcha, corria célere e implacável para o mar. Na direção de Talins.

— Estou à espera — disse ele.

— De quê?

— Da minha quota-parte de elogios, claro.

— Se a tua cabeça continuar a inchar dessa maneira, vai acabar por re-bentar. — Ela sacudiu os punhos de seda da camisa. — E não quero que os teus miolos me sujem a camisa nova.

— Essa atingiu-me em cheio! — Benna levou uma mão ao peito. — Aqui mesmo! É assim que pagas a minha dedicação durante todos estes anos, sua megera sem coração?

— Como *ousas* falar em dedicação por *mim*, seu rústico? A tua dedicação é como a de um carrapato por um tigre!

— Um tigre? Ah! A ti, costumam comparar-te a uma cobra.

— É melhor do que uma larva.

— Rameira.

— Cobarde.

— Assassina.

Difícilmente poderia contestar o último epíteto. Tornaram a ficar em silêncio. Um pássaro gorjeava numa árvore sequiosa que se erguia na berma do caminho.

O cavalo de Benna acercou-se, aos poucos, e quando ficou lado a lado com o dela, ele murmurou docemente:

— Estás particularmente bonita, esta manhã, Monza.

Um sorriso desenhou-se-lhe no canto da boca, no lado que ele não conseguia ver.

— Bem, factos são factos.

Ela esporeou o cavalo para vencer mais uma curva íngreme e, diante deles, surgiu a muralha exterior da cidadela. A entrada fazia-se por uma ponte estreita suspensa sobre uma vertiginosa ravina por onde tombavam cataratas de água cintilante. Ao fundo, abria-se um arco, tão acolhedor como uma sepultura.

— Reforçaram as muralhas desde o ano passado — murmurou Benna. — Não me imagino a tomar de assalto este sítio.

— Não precisas de fingir que terias estômago para subir a escada.

— Não me imagino a dar ordens a alguém para tomar de assalto este sítio.

— Não precisas de fingir que terias estômago para dar essas ordens.

— Não me imagino a ver-te a dar ordens a alguém para tomar de assalto este sítio.

— Pois não.

Ela inclinou-se na sela com cautela e, franzindo a testa, olhou para o precipício vertiginoso que se abria à sua esquerda. Em seguida, ergueu os olhos

para a muralha que se elevava a pique à sua direita e cujas ameias se recortavam, como um gume negro dentado, contra o céu que começava a clarear.

— Quase parece que Orso está com medo de que alguém tente matá-lo.

— Ele tem inimigos? — sussurrou Benna, arregalando os olhos e fingindo-se estupefacto.

— Só metade da Styria.

— E nós... temos inimigos?

— Mais de metade da Styria.

— E eu que tanto me esforcei por ser popular...

Passaram a trote entre dois soldados de ar severo com as suas lanças e capacetes de aço polido reluzindo perigosamente. O ruído dos cascos dos cavalos ecoou na obscuridade do extenso túnel, cada vez mais íngreme à medida que avançavam.

— Já tens aquela expressão.

— Que expressão?

— Acabaram-se as brincadeiras por hoje.

— Ah.

Ela sentiu o rosto contrair-se numa expressão sisuda que lhe era bem familiar.

— Tu podes sorrir, és o bonzinho.

Para lá do portão, erguia-se um mundo completamente distinto. Aí, as tonalidades cinzentas da encosta eram substituídas por um verde-vivo e o ar estava impregnado do perfume a alfazema. Era um mundo feito de relvados primorosamente aparados, de sebes talhadas em formas fantásticas, de fontes de onde jorravam jatos de água cintilante. Guardas de aparência sinistra, envergando casacas brancas com a cruz negra de Talins, estragavam o ambiente em todas as entradas.

— Monza...

— Sim?

— Que esta seja a nossa última temporada em campanha — sugeriu Benna, numa voz que pretendia soar persuasiva. — O nosso último verão no meio da poeira. Vamos arranjar uma ocupação mais agradável. Agora, enquanto somos jovens.

— E as Mil Espadas? Que são agora perto de dez mil e dependem das nossas ordens?

— Que procurem outra alternativa. Juntaram-se a nós a pensar no saque e nós demos-lhes despojos com fartura. O seu único dever de lealdade é para com o benefício próprio.

Tinha de admitir que as Mil Espadas nunca haviam sido um exemplo do que a humanidade tinha de melhor, ou os mercenários, aliás. Uma boa parte eram indivíduos que eram pouco mais do que criminosos e os restantes eram ainda menos do que isso. Porém, tal pouco importava.

— Na vida, temos de nos agarrar a qualquer coisa — resmungou ela.

— Não vejo porquê.

— É mesmo teu. Mais uma temporada e Visserine cairá, Rogont render-se-á e a Liga dos Oito não passará de uma má recordação. Orso poderá coroar-se rei da Styria e nós poderemos desaparecer e cair no esquecimento.

— Merecemos ser lembrados. Podíamos ter a nossa cidade. Tu podias ser a ilustre duquesa Monzcarro de... qualquer sítio...

— E tu, o intrépido duque Benna?

Ela riu-se.

— Idiota estúpido. Mal consegues controlar a tua tripa sem a minha ajuda. A guerra já é um ofício suficientemente sinistro, não quero ter nada que ver com a política. Após a coroação de Orso, retiramo-nos.

Benna suspirou.

— Julgava que éramos mercenários. Cosca nunca se deixou vincular a um contratante desta maneira.

— Eu não sou Cosca. Além disso, não é sensato dizer que não ao Senhor de Talins.

— Tu adoras combater, é só isso.

— Não. Adoro vencer. É só mais uma temporada e depois vamos conhecer o mundo. Visitar o Velho Império. Percorrer as Mil Ilhas. Navegar até Adua e sentar-nos à sombra da Casa do Criador. Tudo aquilo de que falámos.

Benna mostrou-se amuado, como fazia sempre que era contrariado. Amuava, mas nunca dizia que não. Por vezes, Monza sentia-se desgastada por ser sempre ela quem tinha de tomar decisões.

— Só um de nós é que tem tomates, sobre isso não há dúvidas, mas nunca sentes necessidade de os pedir emprestados?

— Ficam-te melhor a ti. Além disso, se és tu quem tem os miolos, mais vale manter os dois juntos.

— E a tua parte nisto tudo, qual é?

Benna sorriu-lhe.

— A do sorriso vencedor.

— Então, continua a sorrir. Durante mais uma temporada.

Desmontou, endireitou a espada presa à cintura, atirou as rédeas ao

palafrenero e encaminhou-se a passos largos para a portaria interior. Benna teve de se apressar para a alcançar, atrapalhando-se com a própria espada enquanto caminhava. A guerra podia ser o seu ganha-pão, mas a verdade é que nunca soubera manejar uma arma.

O pátio interior, situado no topo da montanha, desenvolvia-se em soccos amplos guarnecidos com palmeiras exóticas e estava ainda mais fortemente guardado do que o pátio exterior. Ao centro, uma coluna antiga, que, segundo se dizia, fora trazida do palácio de Scarpus, projetava um reflexo cintilante num lago redondo repleto de peixes prateados. O palácio do duque Orso era uma enorme construção de vidro, bronze e mármore que ocupava três frentes do jardim, fazendo lembrar um gato de dimensões monstruosas com um rato preso nas garras. Desde a primavera, uma nova e vasta ala fora construída ao longo da muralha norte, e os seus festões esculpido em pedra encontravam-se ainda parcialmente tapados pelos andaimes.

— Fizeram obras — disse ela.

— Claro. Como conseguiria o príncipe Ário viver, tendo apenas dez salões onde guardar os sapatos?

— Nos tempos que correm, um homem que deseje estar na moda deve ter, no mínimo, vinte divisões só para sapatos.

Benna franziu o sobrolho ao olhar para as suas botas com fivelas douradas.

— Não tenho mais de trinta pares no total. Estou vivamente consciente das minhas insuficiências.

— Como todos nós — resmoneou ela.

Um conjunto de estátuas por acabar alinhavam-se ao longo do telhado. O duque Orso distribuindo esmolas aos pobres. O duque Orso espalhando conhecimento entre os ignorantes. O duque Orso protegendo os fracos de todos os males.

— Espanta-me que não haja uma com toda a Styria a lamber-lhe o cu — segredou-lhe Benna.

Ela apontou para um bloco de mármore parcialmente esculpido.

— É a próxima.

— Benna!

O conde Foscar, o filho mais novo do duque, contornou o lago em passo apressado como um cachorrinho ansioso, pisando ruidosamente a gravilha varrida pouco antes e com uma expressão de felicidade estampada no rosto sardento. Desde que Monza o vira pela última vez, cometera a imprudência de deixar crescer a barba e os pelos loiros ralos e dispersos conferiam-lhe um

ar ainda mais infantil. Devia ser o único elemento da família a herdar a honestidade, tendo a beleza física ficado reservada a outros. Benna esboçou um sorriso largo, rodeou os ombros de Foscar com um braço e despenteou-lhe o cabelo. Vinda de outro, a atitude seria tida como um insulto, mas tratando-se de Benna, era considerado um gesto amável. Tinha um dom para agradar aos outros que nunca deixava de maravilhar Monza. Já os seus atributos iam no sentido oposto.

— O vosso pai já chegou? — perguntou ela.

— Já, e o meu irmão também. Estão reunidos com o banqueiro.

— Qual é o seu estado de espírito?

— Bom, tanto quanto pude perceber, mas sabeis como é o meu pai. Seja como for, convosco ele nunca se irrita, não é? Trazeis-lhe sempre boas notícias. Trazeis boas notícias, hoje, não?

— Digo-lhe eu, Monza, ou...

— Borletta foi derrotado. Cantain morreu.

Foscar não festejou. Não partilhava o apetite do pai por cadáveres.

— Cantain era um bom homem.

Isso estava longe de ser importante, no entender de Monza.

— Era inimigo do vosso pai.

— Mas era um homem que podíamos respeitar. Restam muito poucos, na Styria. Está mesmo morto?

Benna esvaziou o ar das bochechas.

— Bom, ficou sem cabeça que está espetada numa estaca por cima dos portões, por isso, a menos que conheçais um excelente médico...

Uma alta passagem em abóbada dava acesso a um corredor pouco iluminado e cheio de eco, como o túmulo de um imperador. A luz filtrava-se em colunas empoeiradas e acumulava-se no chão de mármore. Velhas armaduras reluzentes perfilavam-se, silenciosas, com armas antigas suspensas dos punhos de aço. O tilintar estridente de umas botas ressoou pelas paredes à medida que um homem, trajando um uniforme de cor escura, avançava para eles em passo largo.

— Merda — segredou Benna ao ouvido de Monza, numa voz sibilina. — O réptil do Ganmark está cá.

— Esquece-o.

— Não acredito que aquele velhaco cruel seja tão bom a manejar a espada como dizem...

— É.

— Se eu fosse metade do homem que devia ser, eu...

— Mas não és, por isso, esquece.

O general Ganmark tinha um rosto estranhamente agradável, bigodes frouxos e olhos cinza-claro sempre aquosos, que lhe davam um ar de tristeza permanente. Corria o boato de que fora expulso do exército da União devido a uma indiscrição sexual com outro oficial, o que o levava a cruzar o oceano em busca de um amor com uma visão mais liberal e tolerante. No que dizia respeito a quem o servia, a abertura de espírito do duque Orso era infinita, desde que fossem competentes. Tanto ela como Benna eram a prova disso.

Ganmark saudou Monza com um aceno de cabeça formal.

— General Murcatto.

Cumprimentou Benna com um movimento de cabeça igualmente rígido.

— General Murcatto. Conde Foscar, continuais a realizar os vossos exercícios, espero?

— Todos os dias.

— Nesse caso, ainda havemos de fazer de vós um espadachim.

Benna bufou.

— Ou isso, ou um tipo maçador.

— Um ou outro já seriam qualquer coisa — disse Ganmark, no seu monótono sotaque da União. — Um homem sem disciplina está ao nível de um cão. Um soldado sem disciplina está ao nível de um cadáver. É pior, na verdade. Um cadáver não representa nenhum perigo para os seus camaradas.

Benna abriu a boca, mas Monza antecipou-se. Que fizesse figura de estúpido mais tarde, se assim o desejasse.

— Que tal a vossa temporada?

— Dei o meu contributo, mantendo Rogont e os seus osprianos longe dos vossos flancos.

— Empatar o duque da Delonga. — Benna esboçou um sorriso afetado. — Um desafio e tanto.

— Foi apenas um papel secundário. Uma peripécia cômica numa grande tragédia, mas muito apreciada pelo público, espero bem.

O eco dos seus passos recrudesciu quando, passada outra arcada, entraram na imponente rotunda, situada no coração do palácio. As paredes curvas estavam decoradas com painéis enormes esculpidos com cenas da Antiguidade. Representavam guerras entre magos e demónios e outras patedices semelhantes. Bem acima, a grande cúpula ostentava um fresco de sete mulheres aladas contra um céu tormentoso: estavam armadas, envergavam

armaduras e pareciam estar possuídas pela ira. As Parcas, que traziam o destino à Terra. A obra maior de Aropella. Ouvira dizer que demorara oito anos a terminá-la. Monza nunca deixava de se sentir pequena, frágil e totalmente insignificante naquele espaço. Esse era, aliás, o efeito pretendido.

Os quatro subiram uma enorme escadaria, suficientemente larga para nela caberem o dobro das pessoas lado a lado.

— E até onde vos levou o vosso talento para a comédia? — perguntou Monza a Ganmark.

— Ao fogo e à matança, numa viagem de ida e volta às portas de Puranti. Benna franziu os lábios.

— E chegastes, de facto, a combater?

— E porque o teria feito? Não haveis lido Estólicio? «Um animal alcança a vitória combatendo...»

— «Um general marcha até ela.» — Monza terminou a frase por ele. — Haveis arrancado muitas gargalhadas?

— Não entre os inimigos, suponho. De resto, muito poucas, mas a guerra é assim.

— Eu arranjo sempre tempo para rir — interveio Benna.

— Há homens que se divertem com pouco. Fá-los conseguir companhia à mesa.

Ganmark fitou Monza com o seu olhar brando.

— Vejo que não sorris.

— Hei de fazê-lo, quando a Liga dos Oito for aniquilada e Orso for rei da Styria. Nessa altura, todos poderemos pendurar as nossas espadas.

— A minha experiência diz-me que as espadas não costumam ficar penduradas durante muito tempo. Arranjam sempre maneira de voltar às nossas mãos.

— Atrevo-me a dizer que Orso irá manter-vos ao serviço — disse Benna. — Nem que seja só para polir os mármoreis.

Ganmark nem sequer fez uma pausa para respirar.

— Sendo assim, os pavimentos de Sua Excelência serão os mais imaculados de toda a Styria.

Dois portas altas decoradas com embutidos de madeira, onde haviam sido esculpidas cabeças de leões, esperavam-nos ao cimo das escadas. Diante delas, um indivíduo encorpado passeava de um lado para o outro como um velho cão fiel diante do quarto do dono. O Fiel Carpi, o mais antigo dos capitães das Mil Espadas, em cujo rosto largo, honesto e cansado se liam as marcas de uma centena de combates.

— Fiel! — exclamou Benna, agarrando na mão grande do velho mercenário. — Ainda a escalar montanhas na tua idade? Não devias estar num bordel qualquer?

— Isso gostava eu — respondeu Carpi, encolhendo os ombros. — Mas Sua Excelência mandou chamar-me.

— E tu, como és do tipo obediente... obedeceste.

— É por isso que me chamam Fiel.

— Como ficou a situação em Borletta? — perguntou Monza.

— Calma. A maior parte dos homens está acantonada fora das muralhas, com Andiche e Victus. Espero que não ateiem fogo ao sítio. Coloquei alguns dos mais fiáveis no palácio de Cantain, sob o comando de Sesaria. Veteranos, como eu, do tempo de Cosca. Homens experientes, pouco atreitos a impulsos.

Benna soltou uma risada.

— De raciocínio lento, queres tu dizer?

— Lento, mas certo. No final, cumprem.

— Então, entramos?

Foscar empurrou as portas com um dos ombros. Ganmark e Fiel seguiram-no. Monza deteve-se no limiar por um momento, procurando compor a expressão mais severa de que era capaz. Ergueu os olhos e viu Benna, e devolveu-lhe o sorriso, instintivamente, inclinando-se, em seguida, para lhe segredar:

— Adoro-te.

— É claro que me adoras.

Ele entrou e ela seguiu-o.

O local de trabalho do duque Orso era uma sala de mármore tão ampla como uma praça de mercado. Uma das paredes era ocupada por uma sucessão de janelas altas, abertas para deixar entrar uma brisa forte que agitava os cortinados de cores brilhantes. Abriam para um extenso terraço, do qual se avistava a vertente mais abrupta e íngreme da montanha, parecendo suspenso sobre o vazio.

Um conjunto de pinturas gigantescas, assinadas pelos maiores artistas da Styria e retratando as grandes batalhas da História, forrava a parede oposta. As vitórias de Estólico, de Harod, o *Grande*, de Farans e de Vertúrio surgiam cristalizadas em óleos de dimensões impressionantes. Era óbvia a mensagem de que Orso era o último descendente de uma linhagem de monarcas vencedores, ainda que o seu bisavô tivesse sido um usurpador e um vulgar criminoso.

O quadro de maiores dimensões, com pelo menos dez metros de altura, estava de frente para a porta. O retratado não era outro senão o duque Orso.

Estava montado num cavalo de guerra equilibrado sobre as patas traseiras, segurando bem alto a espada reluzente, com o olhar penetrante fixo no horizonte longínquo e incitando as suas tropas à vitória na Batalha de Etreia. O pintor parecia desconhecer que Orso nunca se aproximara a menos de oitenta quilómetros do local dos combates.

Enfim, como ele próprio lhe dissera muitas vezes, uma boa mentira supera sempre uma verdade entediante.

O duque de Talins em pessoa estava debruçado sobre uma mesa de trabalho, brandindo uma caneta em vez de uma espada. Ao seu lado, encontrava-se um homem alto e magro de aspeto doentio e um nariz aquilino, que observava tudo avidamente como um abutre aguardando a morte de viajantes sedentos. Ali perto, havia um vulto escondido nas sombras. Era Gobba, o guarda-costas de Orso, um homem com o pescoço largo como o de um javali. Não muito longe, languidamente reclinado numa cadeira dourada, estava o príncipe Ário, o filho mais velho do duque e seu herdeiro. Cruzara as pernas e, despreocupado, segurava um copo de vinho, enquanto o rosto, de uma beleza suave, se abria num sorriso igualmente brando.

— Encontrei estes mendigos a deambular nas nossas terras — anunciou Foscar — e lembrei-me de os convidar a apelar à vossa bondade, meu pai!

— Bondade? — A voz límpida e sonora de Orso ressoou na divisão cavernosa. — Não é uma qualidade que eu admire muito. Ficai à vontade, meus amigos, já vou ter convosco.

— Ora, vede só quem eles são, o Algoz de Caprile — murmurou Ário —, e o seu pequeno Benna.

— Alteza. Pareceis estar bem.

Parecia um indolente presunçoso, pensou Monza, mas ficou calada.

— Vós também, como sempre. Se todos os soldados se parecessem convosco, poderia até sentir-me tentado a participar nas campanhas. Uma nova bugiganga?

Ário fez um gesto vago com a mão incrustada de joias na direção do rubi que cintilava no dedo de Monza.

— Foi o que encontrei mais à mão quando me vesti.

— Quem dera ter lá estado. Vinho?

— A esta hora, quando o dia ainda mal amanheceu?

Ele espreitou pelas janelas com as pálpebras pesadas.

— Para mim, ainda é noite passada.

Disse-o como se deitar-se tarde fosse um feito heroico.

— Eu aceito.

Benna, que nunca perdia uma oportunidade de dar nas vistas, servia-se já de um copo. O mais provável era estar bêbedo daí a uma hora e a fazer figuras tristes, mas Monza estava cansada de o tratar como se fosse sua mãe. Passou diante da monumental lareira, sustentada pelas figuras esculpidas de Juvens e Kanedias, e aproximou-se da secretária de Orso.

— Assinai aqui, aqui e aqui — dizia o homem magro com um dedo osudo a pairar sobre os documentos.

— Já conheceis Mauthis? — Orso fitou-o com azedume. — O meu carcereiro.

— Serei sempre o vosso humilde servidor, Excelência. A Casa Bancária de Valint e Balk aprovou este novo crédito pelo período de um ano, após o que, lamentavelmente, terá de começar a cobrar juros.

Orso bufou.

— Tal como a peste tem pena dos mortos. Ficarei de pés e mãos atados.

Finalizou a última assinatura com uma espiral e atirou a caneta para cima da mesa.

— Todos temos de nos ajoelhar perante alguém, não é? Cuidai de transmitir aos vossos superiores a minha infinita gratidão pela sua complacência.

— Assim farei.

Mauthis reuniu os documentos.

— Os nossos assuntos estão concluídos, Excelência. Devo partir imediatamente, para não perder a maré do fim da tarde para Westport...

— Não. Ficai um pouco mais. Temos ainda um outro assunto a tratar.

O olhar mortiço de Mauthis moveu-se na direção de Monza, voltando depois a pousar novamente em Orso.

— Como Vossa Excelência desejar.

O duque levantou-se da secretária com um movimento gracioso.

— Passemos, então, a assuntos mais agradáveis. Trazeis boas notícias, não é verdade, Monzcarro?

— Trago, sim, Excelência.

— Ah, que seria de mim sem vós?

Algumas cãs haviam despontado entre os cabelos negros desde a última vez que o vira, e as rugas nos cantos dos olhos pareciam mais fundas, mas a sua atitude de absoluto comando continuava impressionante. Inclinou-se e beijou-a nas faces, antes de lhe segredar:

— Ganmark é um bom comandante de tropas, mas apesar de ser um tipo que gosta de chupar piças, é totalmente desprovido de sentido de humor. Vinde, contai-me as vossas vitórias lá fora.

Manteve um braço à volta dos ombros dela e encaminhou-a para as janelas abertas que davam para o terraço alto, passando pelo príncipe Ário, que não desfizera o sorriso zombeteiro.

O Sol já ia alto, e o mundo iluminado enchia-se de cor. O céu perdera a tonalidade vermelho-sangue e era agora de um azul intenso salpicado lá no alto por algumas nuvens brancas. Em baixo, no fundo de uma ravina vertiginosa, o rio zigzagueava pelo vale arborizado, cuja folhagem outonal se refletia nas águas impetuosas numa combinação de verdes-pálidos, laranjas-fogo, amarelos desmaiados, vermelhos-vivos e prateado-claro. A leste, a floresta fracionava-se num mosaico de terrenos de cultivo: quadrados verdes em pousio, outros negros de terra fértil e alguns dourados onde já haviam sido feitas as colheitas. Mais longe, findos os campos, o rio unia-se ao oceano cinzento, espriando-se num vasto delta salpicado de ilhas. Monza mal conseguia discernir os contornos de torres minúsculas, edifícios, pontes, muralhas. A grande Talins, agora tão pequena como a unha do seu polegar.

Semicerrou os olhos ao sentir a brisa forte e afastou algumas madeixas de cabelo do rosto.

— Nunca me canso de admirar esta vista.

— E como poderíeis? Foi por ela que construí este maldito palácio. Daqui, nunca perco de vista os meus súbditos, como um pai zeloso que vela pela segurança dos seus filhos. Apenas para me certificar de que não se magoam enquanto brincam, sabeis ao que me refiro.

— O vosso povo tem sorte em ter um pai tão justo e afetuoso — mentiu ela com facilidade.

— Justo e afetuoso.

Orso franziu o sobrolho, pensativo, contemplando o mar distante.

— Pensais que a História me recordará assim?

Monza pensou que tal seria altamente improvável.

— Como disse Bialoveld, «A História é escrita pelos vencedores».

O duque apertou-lhe o ombro.

— E ainda por cima sois uma mulher culta. Ário é ambicioso, mas falta-lhe discernimento. Ficaria surpreendido se conseguisse ler uma placa de sinalização de uma só vez. Só quer saber de prostitutas. E de sapatos. A minha filha Terez, por seu lado, passa o tempo a chorar amargamente, porque a fiz desposar um rei. Se lhe tivesse oferecido o grande Euz como esposo, jurar-vos que passaria o tempo a lamuriar-se, desejando ardentemente um marido mais digno da sua condição.

Suspirou profundamente.

— Nenhum dos meus filhos me compreende. O meu bisavô era um mercenário, algo que não gosto de alardear.

Não obstante, nunca se furtava a mencionar o facto sempre que se encontravam.

— Um homem que nunca verteu uma lágrima na sua vida e que calçava tudo o que estivesse à mão. Um homem de combate, de origem humilde, que conquistou o poder em Talins graças a uma mente arguta e a uma espada aguçada.

Sobretudo à força de uma crueldade e de uma brutalidade cegas, segundo ouvira dizer Monza.

— Somos feitos da mesma cepa, vós e eu. Começámos do nada.

Orso nascera no seio do ducado mais rico da Styria e nunca trabalhara na vida, mas Monza conteve-se.

— Sois demasiado generoso comigo, Excelência.

— Não tanto como mereceis. Mas agora falai-me de Borletta.

— Haveis decerto ouvido falar da Batalha da Margem Alta?

— Ouvi dizer que haveis posto em fuga o exército da Liga dos Oito, como em Pinheiros Doces! Ganmark diz que as tropas do duque Salier eram três vezes mais numerosas do que as vossas.

— As tropas numerosas são um obstáculo quando são preguiçosas, mal preparadas e comandadas por idiotas. Um exército de camponeses de Borletta, de sapateiros de Affoia e de sopradores de vidro de Visserine. Amadores, todos eles. Montaram acampamento junto ao rio, julgando que estávamos longe, e praticamente não colocaram sentinelas. Atravessámos a floresta durante a noite e surpreendemo-los ao amanhecer, ainda sem as armaduras.

— Consigo imaginar Salier, aquele porco gordo, a saltar da cama estremunhado e a fugir!

— O Fiel comandou o ataque. Dominámo-los rapidamente e apreendemos-lhes as provisões.

— E tingiram de vermelho os seus campos de milho dourados, segundo me contaram.

— Eles praticamente não chegaram a combater. Um número quase dez vezes superior aos combatentes afogou-se ao tentar atravessar o rio a nado. Fizemos mais de quatro mil prisioneiros. Pagámos alguns resgates, outros não, e enforcámos uns poucos.

— Sem verter muitas lágrimas, pois não, Monza?

— Da minha parte, nenhuma. Se tinham assim tanta vontade de viver, podiam ter-se rendido.

— Como em Caprile?

Ela olhou diretamente para os olhos negros de Orso.

— Como em Caprile.

— Borletta está sitiada?

— Já caiu.

O rosto do duque iluminou-se como o de um garoto no dia do seu aniversário.

— Caiu? Cantain rendeu-se?

— Quando a sua gente recebeu a notícia da derrota de Salier, perdeu a esperança.

— E gente sem esperança é perigosa, mesmo numa república.

— Sobretudo numa república. A turba escorraçou Cantain do palácio, pendurou-o na torre mais alta, abriu os portões e entregou-se à mercê das Mil Espadas.

— Ah! Massacrado por aqueles cuja liberdade tanto se esforçou por manter. Eis a gratidão do homem comum, hein, Monza? Cantain devia ter aceitado o dinheiro que eu lhe ofereci. Teria sido menos dispendioso para ambos.

— O povo anseia por tornar-se vosso súbdito. Dei ordens para que fossem poupados, sempre que possível.

— Misericórdia, hein?

— Misericórdia e cobardia são uma e a mesma coisa — ripostou Monza, sem demora. — Vós, porém, desejais as suas terras, não as suas vidas, não é verdade? Os mortos não obedecem.

Orso sorriu.

— Porque será que os meus filhos não conseguem aprender as minhas lições como vós? Concordo totalmente. Enforque-se apenas os cabecilhas. E colocai a cabeça de Cantain sobre os portões. Nada como um bom exemplo para incentivar a obediência.

— Já está a apodrecer, como a dos seus filhos.

— Bom trabalho!

O senhor de Talins bateu palmas, como se nunca tivesse escutado música mais agradável do que notícias sobre cabeças putrefactas.

— E os despojos?

As contas estavam a cargo de Benna, que avançou, tirando um papel dobrado do bolso do peito.

— A cidade foi passada a pente fino, Excelência. Todos os edifícios foram esvaziados, um por um, todos os andares levantados e todos os habitantes

revistados. Foram aplicadas as disposições habituais definidas nas nossas cláusulas contratuais. Um quarto para quem encontra os despojos, um quarto para o respetivo comandante, um quarto para os generais — fez uma vénia exagerada, enquanto desdobrava a folha de papel e a estendia —, e um quarto para o nosso nobre contratante.

O sorriso de Orso alargou-se à medida que os seus olhos percorriam os números.

— Bendita seja a Regra dos Quartos! É suficiente para vos manter a ambos ao meu serviço por mais algum tempo.

Colocou-se entre Monza e Benna e pousando, amigavelmente, uma mão no ombro de cada um, conduziu-os de novo para as portas abertas, até à mesa redonda de mármore negro que se encontrava no centro da divisão e sobre a qual fora aberto um mapa enorme. Ganmark, Ário e Fiel já se haviam reunido em seu redor. Gobba continuava, oculto nas sombras, a observar tudo com os vigorosos braços cruzados sobre o peito.

— E que novas há sobre esses traidores, os cidadãos de Visserine, amigos de outrora e agora nossos inimigos viscerais?

— Os campos em redor da cidade foram queimados quase às portas.

Monza ordenara uma carnificina pelas zonas rurais com um simples estalar de dedos.

— Os camponeses foram escoraçados e as cabeças de gado chacinadas. Será um inverno magro para o anafado duque Salier e uma primavera ainda mais magra.

— Terá de recorrer ao ilustre duque Rogont e aos seus osprianos — disse Ganmark, com um sorriso quase impercetível.

— Na Óspria, fala-se muito, mas ajuda-se pouco — disse o príncipe Ário, rindo-se à socapa.

— Visserine prepara-se para cair nos vossos braços no próximo ano, Excelência.

— E assim se arrancará o coração da Liga dos Oito.

— A coroa da Styria será vossa.

A referência à coroa alargou ainda mais o sorriso de Orso.

— E é a vós que o devemos, Monzcarro. Não o esquecerei.

— Não é apenas a mim.

— Deixai-vos de modéstias. Benna fez o que lhe competia, tal como o nosso bom amigo, o general Ganmark, e o Fiel, mas ninguém pode negar que isto é obra vossa. Do vosso empenho, da vossa determinação, da vossa rapidez de ação! Grandes triunfos vos estão reservados, à semelhança dos

heróis da antiga Aulcus. Percorrereis as ruas de Talins a cavalo sob uma chuva de pétalas atiradas pelo meu povo em homenagem às vossas muitas vitórias.

Benna sorriu, mas Monza não conseguiu imitá-lo. Nunca gostara muito de felicitações.

— Hão de aclamar-vos ainda mais do que aos meus próprios filhos. Mais do que a mim, o seu senhor legítimo, a quem tanto devem.

O sorriso de Orso pareceu sumir-se e, sem ele, o seu rosto pareceu cansado, triste e gasto.

— Hão de aclamar-vos, de facto, talvez demasiado para o meu gosto.

Ela apercebeu-se de um ligeiro movimento pelo canto do olho, o suficiente para erguer a mão num gesto instintivo.

O arame enrolou-se nesta com um som sibilante, apanhando-a mesmo por baixo do queixo e empurrando-a com força contra o pescoço.

Benna avançou, sobressaltado.

— Mon...

O metal reverberou quando o príncipe Ário o esfaqueou no pescoço. Falhou a jugular, mas feriu-o mesmo por baixo da orelha.

Orso recuou com cuidado quando o sangue salpicou os ladrilhos de vermelho. Foscar, boquiaberto, deixou cair o copo de vinho, que se estilhaçou no chão.

Monza tentou gritar, mas não conseguiu emitir mais do que um grunhido débil pela traqueia quase bloqueada. Procurou o punho da adaga com a mão livre, mas alguém a agarrou pelo pulso e segurou-o com força. Fiel Carpi esmagava-lhe o lado esquerdo do corpo.

— Desculpa — sussurrou ao seu ouvido, desembainhando-lhe a espada e atirando-a para o canto oposto do aposento.

Benna cambaleou, gorgolejando saliva vermelha e agarrando a face com uma mão, enquanto o sangue escuro lhe escorria por entre os dedos brancos. Procurou a espada com a outra mão, perante o olhar petrificado de Ário. Com movimentos desajeitados, conseguiu desembainhar a espada alguns centímetros antes de o general Ganmark avançar e o esfaquear, com calma e precisão, uma, duas, três vezes. A lâmina fina penetrou no corpo de Benna e tornou a sair sem que nenhum outro som que não o da sua respiração suave lhe saísse da boca aberta. O sangue, que esguichara para o chão em longos jatos, começou a penetrar a sua camisa branca, formando círculos escuros. Ele cambaleou para a frente, tropeçou nos próprios pés e tombou, com a espada meio desembainhada a roçar o pavimento de mármore por baixo de si.

Monza contorcia-se, sentindo os músculos trémulos, mas, impotente como uma mosca presa no mel, não conseguia libertar-se. Ouvia Gobba grunhir no seu ouvido devido ao esforço, sentindo a barba curta roçar-lhe a face e o corpo grande e quente contra as suas costas. O arame lacerava-lhe os lados do pescoço devagar e enterrava-se cada vez mais na mão, empurrada contra a garganta. Sentiu o sangue escorrer pelo antebraço e penetrar no colarinho da camisa.

Uma das mãos de Benna rastejou pelo chão, tentando alcançá-la. Ele soergueu-se ligeiramente, com as veias do pescoço salientes. Ganmark inclinou-se e, calmamente, trespassou-lhe o coração pelas costas. Benna estremeceu durante alguns momentos e depois caiu imóvel, com as faces pálidas tingidas de vermelho. Sangue escuro escorria por baixo do seu corpo, penetrando nos espaços entre os ladrilhos.

— Pronto — Ganmark curvou-se e limpou a espada nas costas da camisa de Benna —, este já está.

Mauthis observava tudo com o sobrolho franzido. Ligeiramente perplexo, ligeiramente irritado e ligeiramente entediado. Como se examinasse uma soma que não havia maneira de bater certo.

Orso apontou para o corpo.

— Livra-te dele, Ário.

— Eu? — O príncipe contraiu os lábios.

— Sim, tu. E tu, Foscar, ajuda-o. Tendes ambos de aprender o que é necessário fazer para manter a nossa família no poder.

— Não! — Foscar afastou-se a cambalear. — Recuso-me a tomar parte nisto!

Virou-se e saiu da sala a correr, as botas ressoando no pavimento de mármore.

— Este rapaz é mole como geleia — murmurou Orso nas suas costas. — Ganmark, ajudai-o.

Os olhos protuberantes de Monza viram-nos arrastar o corpo de Benna para o terraço. Ganmark segurava-lhe a cabeça com uma expressão circunspecta e atenta e Ário, soltando imprecações, agarrava, delicadamente, uma das botas, enquanto a outra deixava atrás de si um rasto vermelho. Içaram Benna para cima da balaustrada e empurraram-no. E, numa fração de segundo, ele desapareceu.

— Ah! — Ário soltou um grito áspero e rouco, sacudindo uma das mãos. — Maldito sejas! Arranhaste-me!

Ganmark fitou-o.

— As minhas desculpas, Alteza. Assassinar alguém, por vezes, é trabalhoso.

O príncipe olhou em volta, à procura de algo para limpar as mãos ensanguentadas. Estendeu-as para os sumptuosos cortinados ao lado da janela.

— Aí, não! — deteve-o Orso. — São de seda kântica, custam cinquenta balanças à peça!

— Onde, então?

— Noutro sítio, ou então deixa-as estar! Por vezes, pergunto-me se a tua mãe não me terá mentido sobre a tua paternidade.

Amuado, Ário limpou as mãos na parte da frente da camisa. Monza observava-o quase sem fôlego e com o rosto a escaldar. Orso, uma silhueta escura e desfocada que ela mal conseguia discernir por entre as lágrimas que lhe turvavam os olhos e os cabelos que se haviam colado ao rosto, fitou-a com um semblante carregado.

— Ainda está viva? Que estás tu a fazer, Gobba?

— O maldito arame está preso na mão dela — resmungou o guarda-costas.

— Então, arranja outra maneira de a despachar, imbecil.

— Eu faço-o. — Fiel apoderou-se da adaga que ela trazia à cintura, continuando a imobilizar-lhe o pulso com a outra mão. — Tenho mesmo muita pena.

— Despacha-te! — rosnou Gobba.

A lâmina recuou e o metal cintilou, iluminado por um feixe de luz. Monza pisou o pé de Gobba com todas as forças que lhe restavam. O guarda-costas grunhiu, aliviando a pressão do arame, que ela afastou do pescoço, ao mesmo tempo que rugia e se contorcia para se esquivar ao golpe do punhal desferido por Carpi.

A lâmina falhou o alvo, enterrando-se por baixo da costela inferior. Embora frio, o metal pareceu queimá-la e acender um rastilho entre o estômago e as costas. Atravessou o seu corpo e a ponta picou Gobba na barriga.

— Ah!

Ele largou o arame e Monza, arquejante, começou a gritar de forma irracional antes de o atingir com uma cotovelada, desequilibrando-o. Apanhado de surpresa, Fiel não conseguiu segurar a adaga depois de a arrancar ao corpo dela. A faca caiu e rodopiou pelo chão, ficando fora do seu alcance. Ela deu-lhe um pontapé e, embora não conseguisse acertar-lhe na virilha, atingiu-o na anca, obrigando-o a dobrar-se com a dor. Apoderou-se do punhal que ele trazia à cintura, desembainhou-o, mas a mão ferida perdera a destreza e ele

conseguiu agarrar-lhe o pulso antes de ela cravar nele o punhal. Lutaram pela sua posse, mostrando os dentes e cuspiendo no rosto um do outro, avançando e recuando aos tropeções, com as mãos pegajosas devido ao sangue dela.

— Matai-a!

Ouviu-se um estalido e a cabeça dela inundou-se de luz. O chão esmagou-se contra o seu cérebro e deu-lhe uma pancada nas costas. Cuspiu sangue, e os seus gritos ensandecidos transformaram-se num gemido exaurido e prolongado, enquanto cravava as unhas no pavimento liso e macio.

— Cadela maldita!

O tacão da enorme bota de Gobba esmagou-lhe a mão direita e uma dor lancinante percorreu-lhe o antebraço, arrancando-lhe um grito de agonia. A bota fez nova investida, esfacelando-lhe as articulações, os dedos e o pulso. Enquanto isso, Fiel golpeava-lhe as costelas várias vezes, fazendo-a tossir e estremecer. A mão ferida estava torcida e virada de lado. O calcanhar de Gobba abateu-se sobre ela e partiu-lhe os ossos contra o mármore frio. Ela virou-se de costas, mal conseguindo respirar, vendo a sala rodopiar e os grandes vencedores da história sorrirem ironicamente para ela nas suas molduras.

— Apunhalaste-me, velho de merda! Apunhalaste-me!

— É só um arranhão, cabeçudo! Não a devias ter largado!

— Quem devia apunhalar-vos aos dois era eu, seus inúteis! — disse Orso numa voz sibilina. — Acabai com isto!

Gobba baixou o punho enorme e agarrou Monza pelo pescoço. Ela tentou agarrá-lo com a mão esquerda, mas toda a sua força se esvaíra pela ferida num dos lados do corpo e os golpes no pescoço. As pontas dos seus dedos sem préstimo apenas conseguiram tingir de vermelho o rosto mal barbeado do guarda-costas. Sentiu que a agarravam pelo braço e o torciam atrás das costas com brusquidão.

— Onde está o ouro de Hermon? — Era a voz áspera de Gobba. — Ei, Murcatto? Que fizeste ao ouro?

Monza obrigou-se a levantar a cabeça.

— Vai-te foder, lambe-cus.

Não foi uma reação inteligente, mas foi sentida.

— Não há ouro nenhum! — ripostou Fiel. — Já te disse isso, cerdo!

— Pelo menos há isto.

Gobba arrancou os anéis danificados dos dedos descaídos que já haviam começado a inchar e a ficar arroxeados, dobrados e informes como salsichas estragadas.

— É uma boa pedra, esta — disse, observando o rubi. — Mas não deixa de ser um desperdício de um bom naco de carne. Posso passar um bocado com ela? Um momento chega.

— A rapidez nem sempre é motivo de orgulho — disse o príncipe Ário, com um riso abafado.

— Por caridade! — ouviu-se a voz de Orso. — Não somos animais. Atirai-a do terraço e acabai com isto. Já estou atrasado para o pequeno-almoço.

Sentiu-se arrastada com a cabeça descaída e desapojada. A luz do Sol penetrou-a como punhais. Levantaram-na e as botas bambas roçaram no chão. O céu azul girou. Colocaram-na em cima da balaustrada. A respiração arranhava-lhe o nariz e estremeceu dentro do seu peito. Contorceu-se, deu um pontapé. O seu corpo lutava em vão para se manter vivo.

— Permitai que me certifique. — A voz era de Ganmark.

— Que mais certezas precisamos de ter?

O rosto enrugado de Orso surgiu desfocado pelos cabelos ensanguentados que lhe tapavam os olhos.

— Espero que compreendeis. O meu bisavô era um mercenário. Um soldado que nasceu pobre e conquistou o poder graças a uma mente arguta e a uma espada aguçada. Não posso permitir que outro mercenário tome o poder em Talins.

Monza quis cuspir-lhe no rosto, mas tudo o que conseguiu foi soprar um fio de saliva tingida de sangue que lhe deslizou pelo queixo.

— Vai-te f...

E, em seguida, estava a voar.

A camisa rasgada inflou e agitava-se contra a pele dormente. Ela girou, girou, girou, e o mundo caiu juntamente com ela. O céu azul com nuvens esfarrapadas, os torreões negros no cimo da montanha e os rochedos cinzentos passavam por ela a grande velocidade, as árvores de um amarelo-esverdeado e o rio cintilante, o céu azul com fragmentos de nuvens, e, tudo de novo, depressa, cada vez mais depressa.

O vento frio arrancava-lhe os cabelos, bramia nos seus ouvidos, silvava por entre os seus dentes misturado com a sua respiração aterrorizada. Via, agora, cada árvore, cada ramo, cada folha. Vinham direitos a ela. Abriu a boca para gritar...

Agarrou-se a alguns galhos, que se partiram e a fustigaram. O corpo rodopiou ao embater num ramo partido. O som de madeira a rachar e a partir envolvia-a à medida que ela caía sem parar, descendo cada vez mais fundo, até chocar com a encosta. As pernas partiram-se com a violência da queda, os

ombros despedaçaram-se contra a terra firme. Todavia, em vez de esmagar o crânio nas rochas, apenas partiu o maxilar ao cair sobre o peito ensanguentado do irmão, cujo corpo mutilado jazia na base de uma árvore.

Foi assim que Benna Murcatto salvou a vida da irmã.

Ela rolou por cima do cadáver, praticamente insensível, e continuou a rebolar pela encosta íngreme, esbracejando como uma boneca desengonçada. Sentia as rochas, as raízes e a terra dura flagelarem, baterem e esmagarem, como se fosse agredida por uma centena de martelos.

Atravessou uma zona de arbustos espinhosos. Continuou a rolar encosta abaixo, envolta numa nuvem de terra e de folhas. Bateu na raiz de uma árvore, chocou com uma rocha coberta de musgo, até que deslizou lentamente e ficou deitada de costas, imóvel.

— Aaaaahhhh...

As pedras caíam ruidosamente à sua volta, juntamente com pedaços de madeira e gravilha. A poeira assentou lentamente. Ouviu o vento assobiar entre os ramos e arrancar estalidos às folhas. Ou seria a sua própria respiração, assobiando e crepitando na garganta magoada. O sol penetrou através de árvores escuras, furando-lhe um olho. O outro estava cego. As moscas zumbiam, revolteando na manhã cálida. Caíra no meio dos dejetos provenientes das cozinhas de Orso. Jazia, impotente, no meio de hortaliças podres, gorduras viscosas de cozinhados e restos de miúdos fedorentos, as sobras dos banquetes magníficos do mês anterior. Fora atirada juntamente com o lixo.

— Aaaaahhhh...

Era um som entrecortado, irracional. Sentia-se algo envergonhada, mas não conseguia contê-lo. Horror animal. Desespero incontrolável. O gemido dos mortos, no Inferno. O seu olho tentou relançar em volta, desesperadamente. Viu a mão direita, destrocada, uma luva roxa informe com um corte ensanguentado num dos lados. Um dos dedos tremia ligeiramente, junto à pele rasgada do cotovelo. O antebraço estava dobrado em dois e um pedaço de osso cinzento estilhado furara a seda manchada de sangue. Não parecia real. Era como um adereço de teatro barato.

— Aaaaahhhh...

O medo começou a apoderar-se dela, tornando-se cada vez mais avassalador a cada inspiração. Não conseguia mexer a cabeça. Não conseguia mexer a língua dentro da boca. Uma dor persistente atormentava-lhe a mente. Uma massa terrível comprimia-se contra ela, esmagando todas as partes do seu corpo e fazendo-a sentir-se pior, muito pior, cada vez pior.

— Aaaaahhhh... ahhh...

Benna morrera. Uma lágrima soltou-se do olho trémulo e ela sentiu-a deslizar devagar pela face. Porque não estava morta? Como era possível que não estivesse morta?

Depressa, por favor. Antes que a dor piorasse. Por favor, que seja rápido.

— Aaah... ah... ah.

A morte, por favor.

I

TALINS

«Para um bom inimigo,
escolha um amigo:
ele sabe onde atacar.»
Diane de Poitiers

Jappo Murcatto nunca revelara porque possuía uma espada tão boa, mas era exímio a manejá-la. Sendo o seu filho cinco anos mais jovem do que a irmã, e de saúde débil, ensinara a arte à filha desde que esta era muito jovem. Monzcarro era o apelido da mãe do pai dela, na época em que a sua família acalentava aspirações a um lugar entre a nobreza. A própria mãe de Monza nunca se importara com tal facto, mas tendo ela morrido ao dar à luz Benna, tudo isso perdera relevância.

Nesses anos, a paz reinava na Styria, uma época rara como o ouro. No tempo da sementeira, Monza corria atrás do pai, enquanto a lâmina do arado revolvia a terra, arrancando as pedras grandes à terra negra e fofa e atirando-as para a floresta. Na época das colheitas, corria atrás do pai, que, com a sua foice reluzente, recolhia os talos cortados e os amontoava em fardos.

— Monza — dizia ele a sorrir —, que seria de mim sem ti?

Ela ajudava a debulhar o trigo e a semear o grão, a rachar madeira e ia buscar água. Cozinhava, limpava, lavava, carregava, ordenhava a cabra. As suas mãos estavam sempre cheias de calos deixados por uma qualquer tarefa. O irmão ajudava como podia, mas era pequeno, e enfermo, e pouco podia fazer. Foram anos difíceis, mas felizes.

Quando Monza fez catorze anos, Jappo Murcatto apanhou a febre. Ela e Benna viram-no tossir, transpirar e definhar. Uma noite, o pai agarrou Monza pelo pulso e olhou fixamente para ela com olhos brilhantes.

— *Amanhã, vais lavrar a terra do campo de cima, ou o trigo não crescerá a tempo. Semeia tudo o que puderes. — Acariciou-lhe a face. — Não é justo que tenhas de ser tu a fazê-lo, mas o teu irmão é muito novo. Toma conta dele.*

E morreu.

Benna chorou e chorou, mas os olhos de Monza permaneceram secos. Pensava nos grãos que precisavam de ser plantados e em como iria fazê-lo. Nessa noite, Benna sentiu-se demasiado assustado para dormir sozinho e, por isso, deitaram-se ambos na sua pequena cama, abraçados, para se reconfortarem. Não tinham mais ninguém.

Na manhã seguinte, antes do amanhecer, Monza arrastou o cadáver do pai para fora de casa, atravessou a floresta e empurrou-o para o rio. Não porque não sentisse amor por ele, mas porque não tinha tempo para o enterrar.

Ao nascer do Sol, já ela lavrava as terras do campo de cima.

TERRA DE OPORTUNIDADES

O que primeiro atraiu a atenção de Shivers quando a embarcação avançou para os embarcadouros foi o tempo, muito menos clemente do que esperava. Sempre ouvira dizer que, na Styria, havia sempre sol. Era como tomar um belo banho quente o ano inteiro. Se era aquele o belo banho que ofereciam, Shivers preferia continuar sujo e pedir contas a quem lho prometera. Talins aninhava-se sob um céu cinzento, carregado de nuvens. Do mar soprava uma brisa forte e, de vez em quando, uma chuva gelada salpicava-lhe a face, levando-o de volta à terra natal. Não era uma recordação agradável. No entanto, estava decidido a manter o otimismo. Provavelmente, tratava-se apenas de um dia mau. Havia-os em toda a parte.

Apesar de tudo, enquanto os marinheiros executavam as manobras para atracar, não pôde deixar de pensar que aquele lugar parecia algo gasto. Fieiras de edifícios de tijolo com janelas pequenas comprimiam-se, com os telhados à beira da ruína, uns contra os outros, ao longo da baía a pintura a descascar e rachas no reboco manchado pelo sal, coberto de um tom esverdeado do musgo e enegrecido pelo bolor. Em baixo, junto à calçada pegajosa, as paredes estavam forradas com grandes folhas de jornal rasgadas, coladas a esmo umas sobre as outras, com os cantos soltos a esvoaçar ao ar. Havia rostos e palavras impressas. Avisos, provavelmente. Shivers não era muito dado à leitura, muito menos em estírio. Falar a língua já era um desafio suficientemente difícil.

Uma multidão enchia o cais e poucos eram os que tinham um ar

satisfeito. Ou saudável. Ou abastado. O cheiro, ou antes o fedor, era muito intenso. Era um misto de peixe seco podre, cadáveres antigos, fumo de carvão e latrinas cheias. Se aquele era o lar do novo grande homem que esperava vir a tornar-se, Shivers via-se forçado a admitir que se sentia decepcionado. Por um breve momento, pensou em gastar uma grande parte do que lhe restava numa passagem de regresso ao Norte, na maré seguinte, mas descartou logo a ideia. Estava cansado da guerra, de conduzir homens para a morte, de matar e de tudo o que isso implicava. Estava decidido a tornar-se um homem melhor. Faria o que fosse preciso para o conseguir e fá-lo-ia ali.

— Bom — disse, dirigindo um aceno de cabeça alegre ao marinheiro mais próximo dele —, aqui vou eu.

Tudo o que recebeu em troca foi um grunhido, mas, como o irmão costumava dizer, era o que dávamos e não o que recebíamos que nos definia. Por isso, sorriu, como se tivesse recebido um cumprimento de despedida jovial, transpôs o portaló pouco firme e entrou na admirável vida nova que o aguardava na Styria.

Ainda mal dera uma dezena de passos, observando os edifícios ameaçadores de um lado e os mastros baloiçantes do outro, quando foi abalroado por alguém que quase o derrubou.

— Peço desculpa — disse Shivers, educadamente, em estírio. — Não o vi, amigo.

O homem continuou a andar sem sequer se virar. Shivers sentiu o orgulho algo ferido. Ainda lhe restava muito, tudo o que o pai lhe deixara. Não tinha sobrevivido a sete anos de batalhas, escaramuças, despertares debaixo de neve, comida péssima e cânticos ainda piores para desembarcar ali e ser abalroado.

Ser um canalha, porém, era um crime e, simultaneamente, um castigo. «Deixa estar», ter-lhe-ia dito o irmão. Shivers devia esforçar-se por ver o lado positivo das situações. Virou as costas ao cais e seguiu por uma estrada larga que ia dar à cidade. Passou por um grupo de mendigos sentados em cima de cobertores que lhe acenaram com os seus cotos e membros estropeados. Atravessou uma praça, onde se erguia a estátua de um homem de sobrolho franzido apontando para o vazio. Shivers ignorava a identidade do homem, mas ele parecia muito satisfeito consigo mesmo. O estômago roncou quando sentiu um cheiro a comida. O seu rasto levou-o até uma espécie de banca, onde alguém grelhava espetadas de carne sobre um bidão.

— Uma dessas — pediu Shivers, apontando.

Não lhe parecia que fosse necessário dizer muito mais, por isso, tentara

ser sintético. A probabilidade de cometer erros seria menor. Quando o cozinheiro lhe disse o preço, por pouco não se engasgou com a própria língua. Por aquele valor, teria comprado um carneiro inteiro, no Norte, talvez até um casal reprodutor. Metade da carne era gordura e o resto era cartilagem. O sabor estava longe de ser tão bom quanto prometera o cheiro, mas isso já não o surpreendia. A maioria das coisas na Styria não pareciam estar à altura da qualidade apregoada.

A chuva começou a cair com maior intensidade, entrando nos olhos de Shivers enquanto ele comia. Não era muito forte, comparada com as tempestades que enfrentara no Norte com um sorriso nos lábios, mas era o suficiente para o fazer sentir-se algo desanimado. Perguntava-se onde dormiria nessa noite. A chuva pingava das goteiras musgosas e escorria das sarjetas destruídas, enegrecia os pavimentos, obrigando os transeuntes a curvarem-se e a soltarem imprecações. Deixou a zona de edifícios muito juntos e encaminhou-se para a ampla margem do rio, rodeada por um muro de pedra. Deteve-se um instante, sem saber para onde ir.

A cidade estendia-se a perder de vista, várias pontes cruzavam o rio, tanto a jusante como a montante, e as construções da margem contrária eram ainda mais altas: uma sucessão interminável de torres, cúpulas e telhados, meio envoltos num cinzento onírico conferido pela chuva. Mais papéis rasgados esvoaçavam ao vento, rabiscados com tinta de cores vivas e a água escorria em córregos pelas ruas calcetadas. Em determinados sítios, as letras eram do tamanho de um homem. Shivers olhou atentamente para uma delas, tentando decifrar o seu significado.

Um outro ombro atingiu-o em cheio nas costelas, arrancando-lhe um gemido. Desta vez, voltou-se com um rosnido, segurando a pequena espetada de carne como se fosse uma lâmina. Depois, respirou fundo. Não passara assim tanto tempo desde que Shivers deixara o Nove Sangrento partir em liberdade. Lembrava-se dessa manhã como se fosse ontem, a neve do lado de fora das janelas, a faca na sua mão, o ruído metálico quando a deixara cair. Poupara a vida ao indivíduo que matara o seu irmão, renunciara à vingança, tudo para se tornar um homem melhor. Distanciara-se do sangue. Esquivar-se a um encontrão, no meio de uma multidão, não era nada que se comparasse.

Forçou um meio sorriso e seguiu caminho em sentido contrário, atravessando a ponte. Aquele encontrão pateta podia tê-lo deixado irritado durante dias, e não queria estragar o seu novo começo antes mesmo que ele começasse. A ponte era ladeada por estátuas, monstros de pedra branca salpicados

de excrementos de pássaros, fitando as águas. Uma multidão de transeuntes atravessava a ponte, como um rio correndo sobre outro. Havia gente de todos os tipos e etnias. Tantos, que se sentiu insignificante no meio dela. Num sítio assim, não é de admirar que aconteçam encontros.

Alguém roçou o seu braço. Sem dar por isso, agarrou um desconhecido pelo pescoço, dobrou-o sobre o parapeito, vinte metros acima das águas agitadas, apertando-lhe a garganta como se estrangulasse uma galinha.

— Bateste-me, meu sacana? — rosnou em nórdico. — Vou arrancar-te esses olhos!

Era um homem pequeno e parecia apavorado. Era bastante mais baixo do que Shivers, dar-lhe-ia, talvez, pelo ombro, e teria pouco mais de metade do seu peso. Passado o primeiro acesso de raiva, Shivers apercebeu-se de que o pobre diabo mal lhe tocara. Não havia qualquer maldade. Por que razão conseguia ignorar afrontas graves e perdia a calma por causa de uma ninharia? Sempre fora o seu pior inimigo.

— Peço desculpa, amigo — disse em estírio, num tom sincero, antes de voltar a pousar o homem no chão, alisando-lhe a parte da frente do casaco, que ficara amarrotada, com gestos atabalhoados. — As minhas sinceras desculpas. Foi um pequeno... como é que se diz... um pequeno engano, mais nada. Desculpe. Quer...?

Shivers ofereceu-lhe o pauzinho, onde restava um último bocado de carne gordurosa. O homem fitou-o. Shivers fez uma careta. É claro que ele não queria nada daquilo. Nem ele queria.

— Desculpe...

O homem virou costas e escapuliu-se, desaparecendo no meio da multidão, não sem antes lançar um último olhar assustado por cima do ombro, como se acabasse de escapar à investida de um louco furioso. E talvez o tivesse feito. Shivers ficou parado na ponte a contemplar as águas castanhas que se agitavam em baixo. Era o mesmo tipo de águas que havia no Norte, verdade seja dita.

Afinal, ser um homem melhor ia ser mais difícil do que imaginara.